



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para documentário da TV Argentina Occidente Producciones**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 04 de agosto de 2009**

**Obs: Entrevista veiculada nos dias 6 e 13 de novembro de 2009**

**Jornalista:** Senhor Presidente, dias atrás estivemos com Evo Morales e ele nos falava da responsabilidade que sentia por ser o primeiro presidente que vinha de uma comunidade originária da América Latina. Falava sobre seu futuro, que dependia também dos resultados. O que vai ocorrer depende um pouco do êxito que terá como presidente. E disso dependerá o fato de que novos presidentes possam vir a ser também de comunidades originárias. No seu caso, sua situação particular é que também é um presidente operário, que tem uma luta sindical muito importante. Há uma responsabilidade especial por ser trabalhador, ser presidente com a sua trajetória tem um significado particular para a América Latina?

**Presidente:** Há um fato novo na minha eleição no Brasil, que é o fato de que você tem um sindicalista que não tem diploma universitário, e você tem um grande empresário, que é o meu vice-presidente, que também não tem diploma universitário. Apesar da diferença de idade, nós tivemos praticamente a mesma trajetória na nossa infância e parte da nossa adolescência, só que ele seguiu para um caminho empresarial e eu segui para um caminho sindical. Ora, qual é o fato novo na eleição de um operário no Brasil, de um índio na Bolívia, de um bispo no Paraguai, de uma mulher na Argentina e no Chile, de um militar na Venezuela, um militar de esquerda que pouco tempo atrás teria tentado dar um golpe na Venezuela? Eu penso que é a mudança política e cultural que está acontecendo no nosso continente. Eu, por exemplo, até 1978, eu odiava política, não gostava de política. O meu mundo se resumia ao movimento



sindical, às lutas operárias e, dois anos depois, eu estava fundando um partido político, estava sendo candidato a governador, e depois virei presidente da República.

Eu acho que há uma coisa maravilhosa nisso, que é o fato de você despertar nas pessoas mais humildes a ideia de que elas podem chegar lá e que elas podem ser vencedoras. E eu faço questão de dizer isso em muitas conversas com o movimento social, que não há, não há hipótese de um ser humano desanimar porque está com problemas na vida. Ou seja, nós temos que ser perseverantes, nós temos que lutar, acreditar... No meu caso, eu perdi três eleições, eu poderia ter desistido e eis que, pela perseverança, eu consegui chegar lá.

Bem, quando você chega à Presidência você tem mais responsabilidade do que um presidente da classe média alta, um presidente... um empresário, ou um grande intelectual. Por quê? Porque a minha eleição venceu muitos preconceitos, depois a administração enfrentou muitos preconceitos, e você tem que, todos os dias, estar provando que você é capaz, todos os dias. Eu digo sempre o seguinte: um presidente de uma classe mais alta, quando ele perde as eleições e ele deixa o mandato, ele passa um ano em Nova Iorque, ele passa um ano em Londres, ele passa dois anos em Paris. Eu não. Eu, quando terminar o meu mandato, eu vou para São Bernardo do Campo. Eu vou para 600 metros do sindicato que me criou. Então, eu tenho que fazer as coisas certas. Todo santo dia, eu me levanto com a obrigatoriedade de fazer as coisas corretamente, porque se eu frustrar a população, nós poderemos levar mais 30 ou 40 anos para levantar a cabeça, ou até um século.

Então, eu acho que a responsabilidade minha, de um Evo Morales, é muito maior do que a responsabilidade de alguém que faz parte de uma classe social que habitualmente governa o País.

**Jornalista:** E que características tem que ter para vir de uma família muito



humilde como a sua e chegar a ser presidente? Se qualquer um pode, o que é preciso ter para ser presidente?

**Presidente:** Olha, eu acho que é uma evolução da consciência política de um ser humano. Eu já era presidente do Sindicato... eu acabei de falar, eu não gostava de política e, de repente, eu fui percebendo que era preciso entrar na política para poder fazer as coisas que eu acreditava que os outros presidentes tinham que fazer.

Em 1978, nós tínhamos aqui no Brasil um ministro do Trabalho que resolveu criar uma lei para impedir que os dirigentes sindicais fizessem greves em categorias essenciais – bancários, trabalhadores de postos de gasolina, professores – eu me rebelei contra essa lei e vim a Brasília, na Câmara dos Deputados, falar com os deputados, que não poderia aprovar essa lei. Foi nesse instante que eu descobri que os trabalhadores não tinham representantes no Congresso Nacional. Eu voltei para São Paulo pensando: espera aí, como é que eu quero que façam leis para favorecer a classe trabalhadora, se nós não temos trabalhadores no Congresso Nacional?

E aí, no dia 15 de julho de 1978 – foi muito interessante porque foi o dia que nasceu o meu filho e era o dia que eu estava na Bahia fazendo um congresso dos petroleiros –, eu, então, disse pela primeira vez que era preciso criar um partido dos trabalhadores para que a gente pudesse disputar o poder neste país. Bom, entre 1978 e 2002 foram praticamente 24 anos. O dado concreto é que nós conseguimos: organizamos um partido, organizamos uma central sindical e chegamos ao governo.

**Jornalista:** Este programa, esta afirmação, vai ser visto em muitas escolas... Muitas crianças, muitos jovens verão como a história começou no Nordeste e sua família, como muitas famílias, teve que vir para uma grande cidade. Na América Latina isso acontece com muita frequência, que as famílias pobres



têm que buscar melhor sorte nas grandes cidades. Isso ocorreu quando o senhor tinha sete anos. Que lembrança tem dessa viagem do Nordeste a São Paulo?

**Presidente:** Eu tenho viajado muito o Brasil inaugurando escolas técnicas junto com o meu ministro da Educação, e eu tenho feito um discurso para a juventude com o objetivo de despertar na consciência da juventude a ideia de que ela pode ser vencedora, a ideia de que ele pode chegar onde ele quiser. Basta que ele tenha disposição de lutar, de se organizar, de aprender e, depois, de disputar as coisas de verdade. Não era provável, por nenhum cientista político brasileiro, que um menino que nasceu no estado de Pernambuco, que veio a comer o primeiro pedaço de pão aos sete anos de idade, que não morre de fome até os cinco anos de idade, venha para São Paulo e, em São Paulo, consegue ter uma trajetória de emprego, de trabalho, depois chegar ao Sindicato e depois chegar à Presidência da República.

Eu conto essa história com o objetivo de mostrar à juventude que não há espaço na vida de um jovem para desanimar. Não há espaço. Eu digo sempre para a juventude: quando você não acreditar mais em nenhum político, entre você na política. Quem sabe, o político perfeito que o jovem quer está nele, não está no outro que está eleito, porque senão... Há um debate no mundo inteiro, na América Latina e no Brasil de negar a política. Muitas vezes, os meios de comunicação negam a política, ou seja, ninguém presta, todo mundo é ladrão, todo mundo é corrupto, nenhum político representa nada. Ou seja, a negação da política não resulta em algo melhor; resulta em algo pior. Aí começam a aparecer os fascistas, começam a aparecer os ditadores, começa a aparecer o pessoal da xenofobia, o pessoal de extrema direita com discursos moralistas, e eu me bato muito contra isso.

Eu acho que a política é muito importante, e nós não podemos negar. O que nós precisamos é ter as pessoas corretas fazendo a política. Eu vejo aqui



em São Paulo, por exemplo, na última eleição nós tínhamos um homem como o Delfim Netto, que é um economista exemplar na América Latina, que você sabe que é um homem de direita, mas que é um quadro extremamente competente. Ele perde as eleições e elegem, no lugar dele, uma pessoa que não tinha o que fazer no Congresso Nacional, essa é a verdade.

Então, eu penso que a juventude... eu fiz muito isso. Eu, até 1969, não estava nem no Sindicato. Eu entrei no Sindicato por acaso. Eu fui ao Sindicato, cheguei ao Sindicato em [para] uma assembleia – fui convidado pelo meu irmão – e na assembleia saiu uma briga entre os comunistas – eu não entendia nada disso – e os não-comunistas. Houve uma briga, quiseram bater no meu irmão e, a partir desse momento, eu comecei a gostar do Sindicato. Aí comecei a frequentar o Sindicato, fiquei sócio do Sindicato e, cinco anos depois... ou melhor, dois anos depois, eu já era diretor do Sindicato. Aí o Sindicato foi a escola que eu não tive, ou seja, o Sindicato me politizou, me preparou. Do Sindicato veio o Partido, do Partido veio a candidatura, da candidatura estou eu aqui presidente da República.

Isso tudo é para dizer para o jovem: olha, se você quiser, você vence. Se você quiser, você vai onde você jamais imaginou ir. É só você querer. Querer brigar, lutar, não desanimar nunca. A minha tese é a seguinte: o ser humano que desanima é um fracassado. Nós temos que, todos os dias, estar brigando por alguma coisa, todos os dias estar construindo alguma coisa, mesmo na adversidade. Eu, quando perdia uma eleição, chegava em casa, minha mulher falava: “Ô Lula, para, não dá mais, já perdeu duas, já perdeu três”. Os companheiros do PT ficavam dizendo: “Será que o Lula quer outra vez? Não sei das quantas... Será que não seria melhor outro?” Chegava na época da eleição eu... eu perdia as eleições em novembro, e em janeiro eu começava a viajar o Brasil. Para quê? Para levantar o moral da minha tropa. Estava todo mundo cabisbaixo, todo mundo triste porque tinha perdido. Eu já começava a viajar o Brasil inteiro para levantar a cabeça, que nós íamos



vencer. O dado concreto é que nós vencemos. Eu acho que há uma revolução democrática na América Latina, maravilhosa. Com virtudes e com defeitos, mas ela é maravilhosa. O povo está se mexendo, o povo está percebendo que o que tinha antes não era bom, e o povo está na perspectiva de que vai melhorar. É uma coisa, é uma coisa que eu acho fantasticamente importante, é a gente mais pobre começar a levantar a cabeça.

Foi isso que me fez ganhar as eleições de 2006. É que o povo brasileiro não quis intermediário. Sabe aquela história do formador de opinião pública? “Eu sou um formador de opinião pública, então, eu falo na televisão, milhões...” É verdade, é verdade. O formador de opinião pública só tem sentido quando ele é sério, quando ele é honesto, quando ele fala as coisas que o povo acredita, e que o povo crê que é verdade. Mas quando ele está mentindo... O povo aprendeu a fazer juízo de valores. Então, eu acho que essa é uma conquista da América Latina, excepcional, excepcional. Eu fico maravilhado com isso e eu acho que a tendência é melhorar. Agora, isso aumenta a nossa responsabilidade, porque quando alguém de esquerda chega ao governo... a gente não chega no governo para fazer discurso. A gente chega no governo para governar. E o povo quer saber o seguinte: fez melhor? Fez melhor do que os outros? Foi mais democrático do que os outros? Combateu a corrupção mais do que os outros? Ajudou os pobres mais do que os outros? Fez mais escolas do que os outros? É isso que conta. E quando a gente consegue fazer isso, pode ficar certo que a resposta do povo é extraordinariamente positiva.

**Jornalista:** Que sonhos tinha a criança de sete anos que vinha para São Paulo? O maior sonho. Porque, falando com Evo, com Lugo, com Correa, eles disseram que em um momento da sua infância, tiveram o sonho de chegar a ser presidente. Uribe, por exemplo, disse que sempre foi o seu.

**Presidente:** O meu sonho máximo, quando eu vim de Pernambuco para São



Paulo... foram 13 dias de viagem em um caminhão, e...

**Jornalista:** Como era o caminhão?

**Presidente:** Era um pau-de-arara, era um caminhão que não tinha banco. Eram umas tábuas colocadas atravessadas no caminhão, você vinha sentado. Você não tinha nada para encostar as costas, não tinha nada para se segurar. Era pau-de-arara mesmo. O fato é que no meio do caminho eu encontrei um caminhão da Shell que transportava gasolina, um caminhão amarelo, com aquela tocha, bonito. O meu sonho, até os 14, 15 anos, era ser motorista de caminhão, mas daquele caminhão, daquele caminhão que eu vi na estrada. Eu te confesso: eu nunca sonhei ser presidente, eu nunca sonhei ser político, eu... o meu sonho era um sonho bem pequenininho, assim. Eu tinha que sonhar, eu tinha que sonhar... À noite eu sonhava com o café da manhã, de manhã eu sonhava com o almoço, no almoço eu sonhava com a janta, porque era a lei da sobrevivência. Mas o meu grande sonho era ser motorista de caminhão, sonhava em pegar uma estrada e... Eu tinha 13, 14 anos, tinha um primo meu que tinha um caminhão que carregava asfalto, e de vez em quando ele me levava para viajar para o interior de São Paulo. Eu achava aquilo o máximo do máximo que um ser humano poderia ser, achava o máximo. E eis que eu não fui motorista de caminhão e estou aqui, tentando dirigir o meu país.

**Jornalista:** Também havia alguém na família para formar-lhe um caráter para vencer a adversidade? Tinha alguém na família que fazia esse papel?

**Presidente:** Veja, tem uma coisa que eu gosto de falar, e eu acho que vale para a Argentina, vale para a Venezuela, vale para o Brasil, vale para o Paraguai, vale para todos os países. Nós temos um problema na América Latina onde, nos últimos 30 anos, houve um processo de desagregação da



estrutura familiar: a miséria, que leva à bebida, que leva ao desemprego, que leva à separação de casais, que leva à violência dentro de casa, que faz as crianças perderem referência. Esse é um problema muito sério que nós vivemos nos dias de hoje, sobretudo nos bairros periféricos das grandes capitais.

Mas eu dou graças a Deus porque, embora a minha mãe tenha criado oito filhos em condições totalmente adversas, a minha mãe nunca deixou de ser a referência. Por exemplo, eu, até os 18 anos de idade, recebia o meu salário na fábrica e eu entregava para a minha mãe o meu envelope. Naquele tempo, o pagamento vinha em um envelope. Eu entregava para minha mãe o envelope fechado, ou seja, o pagamento era dela, não era meu. E essa mulher, que era analfabeta, ela conseguiu criar uma família de oito irmãos – cinco homens e três mulheres – numa harmonia total e absoluta. Nós nunca brigamos entre nós, os nossos irmãos. Muitas vezes tinha divergência natural, de muita gente dentro de uma casa só. Às vezes morávamos 13 em um quarto e uma cozinha só, não tinha... e um banheiro só para todo mundo.

E a minha mãe foi a grande referência, foi a grande referência da minha vida porque ela soube... ela se separou do meu pai e foi embora de casa sem ter emprego – nenhum dos meus irmãos trabalhava – e ela fez uma aventura. Ela foi embora de casa, depois saiu de Santos, foi para São Paulo arrumar emprego para os meus irmãos. A gente foi morar nos fundos de um bar. O banheiro era da nossa família e do bar, então os bêbados iam ao bar, vomitavam e faziam um monte de coisa, era aquele banheiro que a gente tinha que utilizar. Nós tínhamos um quarto e cozinha onde dormia a minha família e mais três primos. Dormia naquelas caminhas de armar, aquelas de mola, que doía as costas. Quando você tem dez anos de idade, 15 anos, nada te dói, você... Eu acho que a minha mãe conseguiu criar essa coisa fantástica. Era... porque não é a demonstração de que só a pobreza leva à violência, à criminalidade. Se a estrutura familiar estiver assegurada, se a mãe ou o pai for





equilibrado, a chance de eles construírem uma família digna é total e absoluta. E a mamãe criou, minha mãe criou, na miséria mais absoluta.

Quando nós chegamos em Santos, quando nós chegamos de Pernambuco, em Santos, meu pai tinha uma amante. Minha mãe não sabia. Era prima da minha mãe, que tinha fugido de Pernambuco quando o meu pai veio para cá, em 1945, quando o meu pai foi para São Paulo. E a minha mãe, de repente, chega no armazém, está o meu pai lá, minha mãe chega com oito filhos, meu pai não sabia que a gente ia chegar, tomou um susto. Mandou minha mãe para a casa de um parente dele, de um compadre dele, e aí nós descobrimos que ele tinha outra mulher, que tinha quatro filhos já. Mesmo nesse instante, minha mãe não teve raiva. Minha mãe foi... depois ele mandou a outra mulher para outra casa, trouxe minha mãe para a casa principal, aí nós ficamos morando... Um ano depois minha mãe se separou. Ele, toda semana, mandava uma carroça de frutas para minha mãe, mandava para a outra, eu ia para a casa da outra levar água, ela me dava pão velho, eu comia o pão velho que ela me dava. Minha mãe ficava p... da vida porque não queria que eu comesse o pão da outra mulher do meu pai, mas eu estava com fome, eu comia escondido.

Eu achei isso fantástico na minha mãe porque ela é minha referência de vida porque ela conseguiu, em uma total adversidade, criar oito filhos, e todos trabalhando, todos constituíram família, e ninguém virou ladrão, ninguém virou bandido, ninguém... Todos viraram cidadãos brasileiros. Então, ela é a minha referência e eu acho que tem outros milhões de mães pela América Latina afora que, mesmo na adversidade, elas cuidam. E também a coragem da minha mãe não é... porque tem mulher que se submete ao homem porque ela não tem emprego, ela depende do salário do marido. A maioria das mulheres se submete por conta disso, sobretudo na parte mais pobre da população. E a minha mãe não se submeteu. A minha mãe tomou uma atitude, se separou e criou oito filhos. Então, eu acho isso uma referência exemplar que muitas mães



dão no Brasil, e eu acho que na Argentina, acho que em qualquer lugar da América Latina. Ou seja, a mãe, quando ela assume de fato e de direito a responsabilidade, ela tem mais competência do que qualquer homem para dirigir uma família. E a minha mãe é esse exemplo, por isso ela é minha referência.

**Jornalista:** Presidente, quando sua mãe faleceu, o senhor estava preso?

**Presidente:** Ela morreu em maio de 1978 e eu estava preso, por conta das greves... Não, de 1980. Eu estava preso. Meu pai morreu na greve de 1978 e minha mãe morreu na greve de 1980. O meu pai era pai de 26 filhos, de duas mulheres, e morreu como indigente porque nenhum filho estava próximo dele. Meu pai era, meu pai era muito, muito, muito bravo, muito mau, muito... Hoje eu consigo perdoar ele, mas ele era muito... Não foi o pai que as crianças têm que ter, não. Nós vivemos esse período de muita conturbação na nossa vida, e muita... O meu pai exigia demais dos filhos, e aí... bom, eu estava em São Bernardo do Campo já, e não tinha nenhuma afeição pelo meu pai, essa é a verdade. Eu não tinha boa recordação do meu pai, quando soube que ele morreu. Eu recebi uma carta. Já fazia 13 dias que ele tinha morrido, eu fui com meus irmãos a Santos fazer uma visita ao túmulo, fomos fazer uma visita à família dele.

Quando chegou na greve de 1980, minha mãe morreu. Minha mãe não sabia que eu estava preso porque eu e meus irmãos acertamos de não deixar nem ela ver televisão e nem saber que eu estava preso, porque ela já estava com câncer e ela... O médico abriu a barriga dela, tinha um tumor muito grande, e o médico não quis tirar o tumor. Minha mãe era daquele tempo em que as mulheres não deixavam o médico colocar a mão. Os filhos, os 12 filhos que ela teve, tudo foi parteira, e médico não colocava a mão. Mas aí, quando foi colocar a mão, o câncer já estava muito avançado. Fez um dreno, ela foi



internada, e aí eu fui visitar ela duas vezes – eu estava preso.

O Tuma, que hoje é senador da República, era delegado do Dops e ele, às vezes, me tirava às duas horas da manhã para eu ir ver minha mãe, eu ia ver minha mãe. No enterro dela, eu fui ao enterro. O fato irônico do enterro é que dois delegados me levaram ao cemitério, e quando terminou o enterro, os trabalhadores não queriam que eu voltasse preso, não quiseram deixar eu entrar no carro da polícia e começaram a bater com pedras, com tijolos no carro. Aí eu tive que convencer os trabalhadores que eu tinha que entrar no carro para voltar a ser preso, porque tinha mais 13 companheiros presos. Então, eu também não queria praticar nenhum ato de... A prisão estava tranquila porque tinha muita gente do lado de fora prestando solidariedade, exigindo, e eu sabia que era apenas uma questão de dias ou mais dias. Mas aí, a coitadinha morreu sem saber que eu estava preso.

**Jornalista:** Uma vez que está exercendo a Presidência, o senhor imagina o que a sua mãe diria se pudesse vê-lo?

**Presidente:** Nem imagino, nem imagino, porque quando, em 1961, eu fui para o Senai, já foi para minha mãe a glória máxima. Eu era o filho caçula, o mais novo dela, que ia ter o direito de aprender uma profissão. Então eu fui, dos meus oito irmãos, eu fui o primeiro a ter uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro. Aí, depois eu passei a ganhar um pouco mais, porque eu era um profissional. Aí fui para o Sindicato, do Sindicato virei presidente de partido, de presidente de partido, virei presidente da República. Então, eu não imagino como é que a minha mãe – ela, que tinha um orgulho muito grande de eu ter entrado no Senai – eu fico imaginando se ela estivesse viva para ver o caçula dela ter chegado à Presidência da República, eu acho que seria o máximo. Mas como eu acredito em outra vida, eu acho que ela está vendo isso.



**Jornalista:** Às vezes, quando tem alguma dúvida sobre uma decisão a tomar, o senhor recorre a alguma lembrança de sua mãe?

**Presidente:** Não, não, não. Eu não exijo isso dela, não. Veja, eu sou um homem que eu não tenho dificuldade de tomar decisão, eu não tenho dificuldade. Eu apenas gosto de ouvir sempre mais uma pessoa. Eu... às vezes, vem um ministro meu, um assessor meu, me convence de uma coisa, mas eu sempre preciso de uma segunda opinião, de uma terceira opinião, de uma quarta opinião. Se eu puder convocar o movimento social para falar, eu convoco, se eu... porque eu acho que quanto mais gente a gente ouve, mais fácil fica de a gente tomar decisão.

Então, eu acho que a minha mãe está em todos os passos que eu dou. Eu acho que quem é espírita vai dizer que a minha mãe está me acompanhado todo santo dia, e eu acho que está. Porque a verdade é essa, não é? Eu me considero um homem de muita, de muita sorte na vida. Tem que ter, tem que ter alguma coisa superior que me fez chegar onde eu cheguei, do jeito que eu cheguei. Isso não é um passe de mágica, nem é pela minha inteligência. Eu acho que tem algo superior que acontece na vida de todos nós, terrestres, e que nós temos que acreditar ou não. Eu acredito, eu acredito porque eu já tive muita adversidade na vida, muita, muita. Eu sempre tive... eu tive toda oportunidade do mundo para ser uma cara mal-humorado. Meus assessores acham que eu sou mal-humorado, um cara de mal com a vida. E eu não sou de mal com a vida, eu não sou.

Eu, de vez em quando, penso: eu nunca ganhei um presente na minha vida. Até os 17 anos de idade, o primeiro presente que eu ganhei fui eu mesmo que me dei: eu comprei uma bola de borracha. Não era essa bola profissional, era bola de borracha mesmo. Depois, o segundo presente eu mesmo comprei: uma bicicleta velha, que a corrente saía toda hora. Eu passava mais tempo colocando a corrente do que pedalando a minha bicicleta. E eu nunca, eu



nunca... acho que também por conta da minha mãe, porque às vezes a gente se sentava aos sábados... Teve uma grande crise econômica em 1965 e teve muito desemprego aqui no Brasil, e eu fiquei desempregado mais de um ano e meio. Então, a gente chegava aos sábados e não tinha o que comer dentro de casa. Você imagine: uma mãe, quatro filhos desempregados, sentados em uma varanda, olhando para um fogão que não tinha nada para colocar no fogão. E eu nunca vi, nunca eu vi minha mãe reclamar. Nunca, nunca, nunca eu vi minha mãe reclamar porque não tinha as coisas ou porque... e eu acho que isso formou a minha convicção de reclamar menos. Se não tem, em vez de reclamar, vá atrás, vá buscar que você conquista. Então, eu acho que, embora eu não peça para ela me ajudar nas decisões, eu acho que ela está me empurrando para as decisões a toda hora.

**Jornalista:** Uma pergunta que tem para mim um interesse pessoal. Eu estudei numa escola técnica, portanto aprendi um ofício que eu gosto muito, o de torneiro mecânico. Esse ofício manual ajudou na sua formação, além de ser uma forma de viver e ganhar dinheiro (salário)? Não há outro presidente na América Latina que tenha exercido um trabalho manual – a não ser Evo, que foi camponês. O trabalho manual ajuda?

**Presidente:** Olha, primeiro, ser torneiro mecânico na década de 60 e na década de 70 era você quase ser um artista, porque era um trabalho muito manual, ou seja, você não tinha torno automático como você tem hoje ou torno programado, em que você coloca um programa e a peça sai pronta. Você bota um pedaço de ferro, bota um programa, aperta e sai um cofre de ferro. Não, naquele tempo você tinha que fazer tudo à mão, era tudo à mão, era tudo... Era quase um artesanato, era uma coisa bonita, uma coisa gratificante.

Bom, e a profissão, obviamente que ela me fez saltar de ganhar um salário mínimo para ganhar 10 salários mínimos, então a minha vida mudou



substancialmente. Eu, como torneiro mecânico, tinha carro; eu, como torneiro mecânico, levava a minha mulher para almoçar em restaurante pelo menos duas vezes por mês. Agora deve ter caído muito, porque agora virou muito operador de máquina. Naquele tempo, não. Naquele tempo, um ferramenteiro, um mandrilador, um fresador, um torneiro mecânico, era coisa boa, ajustador... Eu acho que a gente ganhava até mais do que médico naquela época, e era uma profissão muito importante.

E obviamente que, graças a eu ter me formado torneiro mecânico é que eu estou aqui hoje, senão eu não sei o que seria do meu futuro. Essa é a verdade. Se eu tivesse ficado no Nordeste eu já teria morrido, como muitos parentes meus morreram, de beber, de cirrose, porque não tem o que fazer, não tem como ganhar dinheiro, não tem como trabalhar, as pessoas enveredam para beber e...

Então, eu dou graças a Deus de a minha mãe ter vindo para São Paulo, eu dou graças a Deus de eu ter aprendido uma profissão, de ter tido a lição de vida que eu tive com a minha mãe. Depois, de ter... Na verdade, eu soube tirar proveito das oportunidades que surgiram na minha vida.

Então, eu sou um homem agradecido a Deus. Eu, sinceramente... Se tem um ser humano que todos os dias tem que levantar as mãos para o céu e agradecer a Deus, sou eu, porque eu acho que eu tenho muito mais do que qualquer previsibilidade que alguém fizesse a meu respeito.

**Jornalista:** Outra pessoa importante na sua vida foi seu irmão, Frei Chico, que ocupou um papel importante.

**Presidente:** É que o Frei Chico era um homem do Partido Comunista, ele era um militante do Partido Comunista. Só que ninguém sabia, ele era clandestino. E em 1968, surgiu a chance de ele ser diretor do Sindicato, mas já tinha um diretor na fábrica dele. Então, ele falou para a diretoria: “Por que não indica o



meu irmão Lula, que trabalha na Villares?”. Aí foram me convidar.

Eu tinha medo, eu tinha medo porque naquele tempo o regime militar era muito duro aqui. Era Costa e Silva, se não me falha a memória, e era muita perseguição aos comunistas, aos companheiros que estavam na luta armada. Eu tinha uma preocupação, porque eu estava para casar e a minha namorada falava: “Ah, eu não vou casar agora porque você vai para o Sindicato e você vai ser preso, você vai ser chamado de comunista, tudo”. E depois, bom, nós casamos. Casamos no dia 24 de maio, eu tomei posse no dia 24 de abril. Consegui convencê-la de que não tinha nenhum problema eu ir para o Sindicato.

Eu fui para o Sindicato, e tudo por conta do Frei Chico, tudo porque o Frei Chico não pôde ser dirigente sindical. O Frei Chico era, dos meus irmãos, o mais politizado. E é engraçado porque o Frei Chico era vice-presidente do Sindicato de São Caetano e eu era presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo. Então, eu brigava muito com o Frei Chico porque ele me chamava para reuniões clandestinas e eu falava: Frei Chico, eu não vou a reunião clandestina, porque o que você diz em uma reunião clandestina eu digo na porta de fábrica. E ele, como era mais politizado do que eu, ficava muito nervoso e muito preocupado com os discursos que nós fazíamos na porta de fábrica. Nós éramos radicais, nós fazíamos discurso que muita gente que estava formada ideologicamente não fazia, de medo.

Depois o meu irmão foi preso, em 1975. Ele foi preso, aí eu já era presidente do Sindicato. Ele foi preso na época da morte do Vlado. Naquela época em que prenderam o Vlado, prenderam muita gente do partido. Ele foi preso, ele foi muito torturado: 75 dias de tortura, muito choque, muito pau-de-arara, muitas coisas aconteceram. Mas ele também é um homem que não tem mágoa, ele não tem ressentimento. Quando ele saiu da cadeia, eu falava para ele: Frei Chico, por que você não se vinga do torturador? Eu fico pensando: pegue um cara que você sabe que torturou você, dá uma surra nele. Ele falava



“Não, já passou”, muito tranquilo. É o irmão mais politizado que eu tenho e muito amigo pessoal.

**Jornalista:** Falamos bem dessas adversidade. Em um momento, o senhor Presidente falou que, em janeiro [1990], depois de perder a eleição de outubro, já estava de volta à luta, percorrendo o País. O que aconteceu na noite anterior à eleição? Tem uma noite, uma eleição e um anúncio. Como é que acontece esse anúncio, como foi a manhã do outro dia?

**Presidente:** Sofrimento, sofrimento. Primeiro, a minha derrota para o Collor. A eleição esteve na minha mão, ou seja, eu cheguei a apertar a vitória, assim. Mas eu acho que nós cometemos um erro de inexperiência. Por exemplo, eu, no dia do debate final, fazia 36 horas que eu não dormia. E você sabe que quando você está com sono, a tua cabeça não raciocina direito, não é? Eu fui para aquele debate, que eu não deveria ter ido. Eu [não] estava descansado, eu não deveria. Mas eu fui para o debate e depois houve uma manipulação da Globo com o debate e eu perdi as eleições. Mas você quer saber o que eu penso hoje? Eu acho que teve o dedo de Deus ali. Eu acho que nós não deveríamos ter ganhado aquelas eleições, porque nós éramos muito radicais. Se eu ganho as eleições com o discurso que eu tinha, eu não sei se eu governaria este país seis, sete meses, oito meses. Não apenas eu. Eu e a minha turma, o meu partido, nós tínhamos um discurso muito, muito duro.

Então, hoje eu fico pensando: eu perdi três eleições. Em 12 anos você aprende muita coisa. Depois eu perdi mais três eleições. Você vai ficando calejado, o Partido foi ganhando prefeituras, foi ganhando estados, e todo mundo foi amadurecendo. Então, quando eu ganhei, nós estávamos maduros, estávamos preparados para governar o País. Então, por isso que eu acho que hoje, em vez de ficar lamentando que eu perdi em 1989, eu dou graças a Deus de não ter ganhado e de ter esperado esses 12 anos para ter chegado ao





governo com mais sabedoria e com mais experiência. E também toda a equipe de governo, eram pessoas com mais experiência, eram ex-secretários, ex-prefeitos, ex-governadores. Você sabe que é muito difícil governar um país como o Brasil, uma elite muito conservadora, com muito preconceito e, vencer tudo isso, era preciso costurar aliança política, montar maioria aqui, maioria ali. Graças a Deus, nós conseguimos.

**Jornalista:** Lendo os discursos, creio que também é uma das primeiras vezes em que o Chefe de Estado do Brasil toma uma atitude de integração forte com a América Latina. Eu sei que existe um esforço particular nesse sentido. O Brasil lidera, em boa parte, a região. Que responsabilidade tem o Brasil em relação à América Latina, mesmo diante da desigualdade que ainda temos?

**Presidente:** Primeiro, eu não gosto da palavra “lidera”. Não gosto, porque ciúmes em política é uma desgraça. Então, vamos colocar que todo mundo é igual, ninguém lidera ninguém. Cada país tem a sua soberania. O que acontece? Veja, eu tomei posse no dia 1º de janeiro. No dia 10 de dezembro, eu tinha ido visitar o Bush. O presidente dos Estados Unidos tinha pedido uma conversa, nós fomos lá. Chegou lá, aquele homem só falava da Guerra do Iraque, só falava da Guerra do Iraque, só falava da Guerra do Iraque. Chegou um momento em que eu falei: Presidente, eu não tenho nada contra o Iraque. A minha guerra não é contra o Iraque. A minha guerra é contra a pobreza no meu país, é contra a fome no meu país. Porque ele estava quase querendo que o Brasil participasse da Guerra do Iraque. O que o Brasil tinha com o Iraque? Pois bem... E nós sabíamos que não tinha armas químicas no Iraque porque o presidente da comissão era um brasileiro, que hoje é embaixador em Londres, e ele dizia textualmente que não tinha armas químicas no Iraque. Então, houve duas mentiras: a do Bush, dizendo que tinha arma química para justificar a guerra, e a do Saddam Hussein, porque tinha mentido tanto para o seu povo,



que não teve coragem de dizer que não tinha armas químicas. Então, você destrói uma nação por vaidade e... sei lá por quê.

Bem, eu voltei para o Brasil e eu tinha duas convicções. Primeiro, nós tínhamos que acabar com a Alca. A Alca era uma peça de ficção dos Estados Unidos para o Brasil, porque “era o país industrializado”... Eu achava que se vocês não fizerem como a Europa fez com Espanha e com Portugal, não tem nenhuma chance, então não existe esse negócio de Alca. Bom, acabamos com a Alca. Depois eu fui a Davos no dia 23 de janeiro de 2003. Quando eu ganhei as eleições eu fui ao Fórum Social, em Porto Alegre, e saí do Fórum... comuniquei ao Fórum Social que eu ia a Davos e fui a Davos. E, na volta, eu disse para o Celso – o Celso, que é o nosso ministro das Relações Exteriores – , eu falei: Celso, nós temos que mudar a geografia política e comercial do mundo, a gente não pode ficar do jeito que está. Então, nós temos que nos voltar para a América do Sul, em um primeiro momento. Eram etapas: primeiro o Mercosul, América do Sul, América Latina, África, Ásia e Mundo Árabe. Nós temos que priorizar esses países nas nossas relações.

Bom, só para você ter ideia, eu já visitei todos os países da América do Sul e América Latina, todos da América Central, já visitei 21 países na África, já visitei nove países árabes, além de várias visitas à China, ao Vietnã. Por quê? Porque eu estava convencido de que os parceiros tradicionais têm uma certa limitação na relação comercial, têm uma certa limitação. Nós somos exportadores de matéria-prima e eles são exportadores de produto com alto valor agregado, então há sempre uma diferença fundamental. Então, nós precisaríamos procurar os iguais. O que Brasil e Argentina têm de similaridades entre si? O que Brasil e Uruguai, Brasil e Paraguai, Brasil e... ou seja, descobrir as oportunidades de negócios entre nós. Nós poderemos nos ajudar muito mais.

O fato concreto é que, depois de seis anos, o maior fluxo na balança comercial do Brasil é com a América do Sul e com a América Latina. Com a



África, saiu de 5 bilhões para 25 bilhões a relação da América do Sul com a África, e com o Oriente Médio também cresceu muito.

E, ainda, nós estamos longe. Já faz algum tempo, nós decidimos que o Brasil tinha que disponibilizar recursos para que os países da América do Sul pudessem utilizar esse recurso para sair da crise econômica, ou seja, um pouco de recurso para que a Argentina pudesse fazer outro negócio, ou comprar do Brasil, ou comprar de quem quiser, ou fazer o que quiser com o dinheiro, e colocar para todos os países. Para que a integração seja consolidada, nós temos que não apenas ter confiança entre nós, mas nós precisamos, sobretudo, de ter instituições que garantam as decisões democráticas. Nós ainda não temos um fórum. Qualquer demanda que tenha aqui, o nosso pessoal corre para a Corte de Haia. Eu acho um absurdo que a gente não discuta uma Corte nossa. Nós já propusemos o Conselho de Defesa, o Conselho de Combate ao Narcotráfico. Nós temos que ir criando mecanismos para não ficar dependendo de mecanismos do Norte. Nós temos que criar.

Então, eu sou um otimista exagerado com a questão da integração. Acho que nós ainda temos problemas culturais. Nós ainda, de vez em quando, levantamos as divergências do século XIX: é a Bolívia que quer o mar, é o Peru e o Chile que têm divergência no mar, é a Bolívia que tem divergência com o Acre, do Brasil. Ou seja, não é possível. Nós precisamos pensar no século XXII, nós precisamos construir a América do Sul e não jogar fora o século XXI. Nós já perdemos o século XX. Nós temos que aproveitar o século XXI e transformar a América do Sul e a América Latina em um baita de um continente. E isso só é possível em paz, democracia e com instituições fortes, e com muita política social, não é?

E você, como educador, sabe que é preciso fazer muito investimento em educação, muito. Com 15 ou 20 anos de investimento em educação, você faz a mais extraordinária revolução que uma nação precisa. E é isso que estamos fazendo no Brasil.



**Jornalista:** O senhor havia colocado, desde o início do governo, o tema da igualdade, da fome, o tema de se ter um país muito mais justo. Como o senhor poderia definir o modelo brasileiro hoje?

**Presidente:** Olhe... Nós ainda não chegamos ao socialismo do século XXI. Deixa eu lhe dizer uma coisa, com muito carinho: eu tinha um compromisso, ou seja, eu precisava provar que um trabalhador tinha competência para governar o Brasil. Eu precisava provar. Ou eu provava isso ou eu não atravessaria a distância que eu tinha que atravessar.

Eu assumi alguns compromissos de, embora sendo presidente de todos, era preciso que você fizesse como uma mãe faz. O maior exemplo de governança você não pega em um livro, pega em uma mãe. Pegue uma mãe na periferia de Buenos Aires, que tem oito filhos, e veja como é que ela trata os oito filhos. Ela vai sempre tratar daquele que está mais debilitado, ela vai sempre. Se tiver que dar um pedacinho de carne a mais, ela vai dar para o que está mais debilitado; se tiver que dar uma mamadeira a mais, ela vai ter que dar para o mais debilitado. Ela adora a todos, ela ama a todos, mas aquele debilitado... Não é o mais bonito, não é o mais esperto, é o mais necessitado. Esse é o espírito de mãe.

Eu te confesso que eu governo o País com espírito de mãe, ou seja, nós temos que cuidar das pessoas mais pobres. O rico não precisa do Estado, essa é a verdade. Rico, quando procura um governante, ele quer 1 bilhão, 2 bilhões, 3 bilhões de financiamento. O pobre, quando procura, quer 10 pesos, 50 pesos, 50 reais, 50 dólares. Ou seja, a coisa mais simples do mundo é você governar para a parte mais pobre do país, é a coisa mais simples do mundo.

Então, eu fiz essa opção. E eu digo para todos os companheiros: eu não quero que vocês fiquem me chamando... exigindo que eu me defina se eu sou socialista ou se eu sou... Não peçam isso para mim. Deixem-me terminar o



meu mandato e avaliem se aquilo que nós fizemos... o que é? O que nós fizemos, o que é? Porque, você veja, eu tenho a convicção de que nós estamos fazendo uma baita de uma revolução no Brasil, uma baita de uma revolução no Brasil, e reconhecida pelos pobres deste país, reconhecida. Você pode ir ao lugar mais pobre e as pessoas vão reconhecer que nós estamos cuidando delas. E ainda é pouco, precisamos fazer muito mais.

O que eu espero, na verdade? É que a gente faça um pouco mais, daqui para a frente. Nós já fizemos a parte mais dura, que era cadastrar, que era organizar e que era provar que é possível fazer. O que nós estamos fazendo na educação brasileira, a gente só vai sentir o resultado daqui a dez ou 15 anos.

Nós estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais. Em cem anos, fizeram 140. Nós, em oito anos, vamos fazer 214. Nós estamos fazendo 12 universidades novas. Aliás, você deverá participar da inauguração da Unila, que vai ser por esses dias aí, lá em Foz do Iguaçu. Estou fazendo a Universidade Afrodescendente, lá no Ceará, metade de alunos africanos, metade de alunos brasileiros. Estamos fazendo 105 extensões universitárias, 105, levando as extensões universitárias, campi avançados para todo o interior do País.

O ProUni é a maior revolução educacional neste país. Como nós estamos falando no dia 4 de agosto são, na verdade, 545 mil alunos pobres da periferia, 40% negros, se formando doutores. Essa é uma coisa que não dá para mensurar com dinheiro, isso você mensura com a autoestima das pessoas. O que eu acho? Qual é o grande legado que nós vamos deixar? O grande legado é o paradigma. Quem entrar, vai ter que fazer mais.

Eu tenho uma tese que nem todo sociólogo gosta, nem todo marxista gosta, que é a seguinte: eu acho que os grandes ganhadores da Revolução Russa não foram os russos. Os grandes ganhadores foram os trabalhadores da Europa Ocidental. Por quê? Porque, com medo da Revolução Russa, o Estado



teve que avançar e melhorar o padrão de vida da sociedade. Então, nós devemos o Estado de bem-estar social da Europa Ocidental, de todos os países nórdicos, à Revolução Russa, coisa que nós não conseguimos em próprios outros países comunistas. Então, o medo fez com que a Europa avançasse mais e desse... Eu fui a Berlim em 1985, Berlim Oriental, e depois eu fui a Berlim Ocidental. Era como você sair do rio Tietê e entrar na água do Caribe, ou seja, a diferença... A Alemanha Ocidental era de um desenvolvimento estupendo, um padrão de vida muito alto.

Então, eu penso que... Nós vamos continuar trabalhando. Eu me considero um homem de esquerda. Nunca gostei de me rotular, nunca gostei de colocar na testa que eu sou isso ou sou aquilo. Sou homem de esquerda, tenho convicções, tenho princípios, sei de onde eu vim, sei para onde eu vou. Isso, para mim, é a coisa que eu tenho mais clareza: eu sei de onde eu vim, sei qual é a minha origem, sei quem são meus amigos verdadeiros, sei quem são meus amigos ocasionais, sei quem são os oportunistas e sei para os braços de quem eu vou voltar. Eu vou voltar para onde eu vim. Isso eu não tenho dúvida, isso é lacrado na minha cabeça.

Eu quero que as pessoas saibam que, quem vier depois de nós, não vai poder fazer menos do que nós. Vai ter que fazer mais, vai ter que cuidar mais do povo, vai ter que tratar o povo com respeito. Eu já fiz, no meu governo, mais de 57 conferências nacionais: conferência de homossexuais, conferência de deficiente físico, conferência de negro, conferência de índio, conferência de saúde, conferência de mulher, conferência do que você possa imaginar. A última, agora, vai ser da Comunicação. Tem uma briga enorme entre os donos da Comunicação e a sociedade (incompreensível) que quer fazer uma conferência séria, para determinar um padrão de comunicação no Brasil. Tudo isso, debatendo livremente com a sociedade.

Ou seja, a ideia básica é dizer o seguinte: olha, o Brasil é de vocês. Eu sou o síndico do Brasil, eu sou apenas o síndico. Os moradores são vocês.



Então, por favor, ajudem a decidir as coisas que nós precisamos fazer. Porque se eles ajudarem, na hora em que eu sair, tem gente para continuar brigando para manter. Se eu não chamar as pessoas para participar, quando eu sair, acabou. Então, essa é uma crença que eu tenho, essa é uma convicção que eu tenho, ou seja, na dúvida, é melhor ouvir o povo.

**Jornalista:** Eu escutei, acompanhando a presidenta Cristina [Kirchner] na reunião do Partido Progressista, de dirigentes do Partido Progressista, em Viña del Mar, há pouco tempo, uma excelente intervenção sua sobre a culpa da atual crise internacional. Por que surgiu essa crise, quem são os responsáveis e como saímos dela?

**Presidente:** Bem, primeiro eu acho que essa crise é uma crise que ela explodiu em 2008, mas ela é uma crise que vem sendo acumulada pela especulação de todos os níveis que aconteceram no sistema financeiro internacional. Muitas vezes, a irresponsabilidade de governantes que preferem fazer as políticas fáceis a fazer as coisas que têm que ser feitas: a regulação do sistema financeiro, o fim dos paraísos fiscais... Ninguém pode ganhar dinheiro se não produzir um resultado, uma coisa material, ninguém pode. Eu não posso te vender um papel, que você vende para ele, que vende para ele, que vende para ele, ou seja, 50 pessoas ganhando a troco de um papel que só produziu uma peça. Não é possível. Então, eu acho que essa crise desnudou a podridão do sistema financeiro mundial e, sobretudo, do mercado, porque o mercado...

Eu vivi os anos 80, os anos 90 em que o “deus-mercado” podia tudo, o “deus-mercado” iria resolver o problema da educação, o “deus-mercado” iria resolver o problema do emprego, o “deus-mercado” iria resolver o problema do desenvolvimento do país, e o “deus-mercado” faliu, porque na hora em que precisou dele, ele não sabia o que fazer. E aí foi o Estado “fracassado” que



teve que entrar para salvar a economia.

Então, eu acho que os países ricos têm essa responsabilidade, muito mais do que nós. Porque também, se o Estado não vale nada, para que o governante? Para que o governante? Você entra, o Estado [mercado] vai fazer tudo! Se o Estado [mercado] vai cuidar da educação, se o... Se o mercado vai cuidar da educação, vai cuidar do transporte, vai cuidar da saúde, vai cuidar da previdência, vai... Para que o governante? Não é isso?

Então, eu acho que essa crise também chama atenção para o Estado voltar a ter um papel importante. Eu não quero um Estado gerenciador. Eu não tenho vocação para um Estado empresarial. Eu tenho vocação para um Estado indutor e controlador, fiscalizador. Por exemplo, o Estado tem que fiscalizar o sistema financeiro, o Estado precisa trabalhar para fazer distribuição de renda, porque essas coisas, se o Estado não fizer, ninguém vai fazer.

Então, eu penso que nós demos um passo importante agora. Eu acho que no G-20 nós vamos... Essas coisas nunca acontecem rapidamente. Quando a gente fala em paraíso fiscal, os europeus ficam nervosos. Por quê? Porque tem a Suíça, que eles não consideram paraíso fiscal. O outro tem Cingapura, que eles não consideram paraíso fiscal. Aí a OCDE acha que o Uruguai é paraíso fiscal. Então, leva sempre um pouquinho de tempo. Mas eu acho que o mundo aprendeu uma lição: o Estado voltou a ser importante.

Quando, no Brasil, os empresários entraram nos derivativos tentando ganhar mais dinheiro do que já ganhavam, especulando – e teve empresa que perdeu 10 bilhões –, quem entrou? O Estado. Era o único que tinha garantia para resolver o problema. E, no caso do Brasil, nós temos bancos públicos importantes como o BNDES, como o Banco do Brasil, como a Caixa Econômica Federal, que suportaram grande parte dos nossos problemas.

**Jornalista:** É verdade que você não gosta da palavra liderança, mas o Brasil tem voz em muitos lugares onde outros países não têm. Qual a





responsabilidade do Brasil diante da possibilidade de trabalhar nesses níveis?

**Presidente:** Mas isso eu penso que é diferente de liderança. Só é possível você ser líder se você é escolhido por alguém para ser líder. Eu não posso dizer: eu sou o líder da América Latina. Ninguém pediu para eu liderar a América Latina. Nenhum presidente me disse: “Olha, você fala por nós”. Então, cada um fala por si.

Eu acho que o Brasil tem mais representatividade pela sua importância política. O Brasil tem 200 milhões de habitantes, o Brasil é o maior país continental, o Brasil tem mais habitantes, é o país mais industrializado hoje, é o que tem a economia mais forte. Então, por isso o Brasil é chamado para fóruns, em que outros não são. A Argentina foi, na década de 40. Mas não é “liderazgo” político. Nunca ninguém me telefonou e falou o seguinte: “Ô Lula, você vai agora para o G-8 e vai falar em nome de toda a América Latina. O que você disser, nós concordamos”. Ninguém fala isso.

Obviamente que eu também não preciso de procuração para defender a América Latina. Eu defendo porque acredito nisso, gosto disso, e acho que a América Latina tem que ser muito fortalecida, a América do Sul tem que ser muito fortalecida. Eu acho... eu digo sempre o seguinte: olhe, se Brasil e Argentina se entenderem, tudo fica mais fácil. O que precisa, na verdade, e eu vou dizer com o risco – eu não sei quando é que o programa vai ao ar – de criar ciúmes em alguém, mas eu vou dizer uma coisa: na hora em que Argentina e Brasil se colocarem de acordo sobre as coisas, na hora em que argentinos e brasileiros deixarem as disputas menores de lado, essas vaidades históricas de lado, e se sentarem como dois grandes países, nós podemos muita coisa, muita coisa.

O problema é que ainda você tem restos de preconceitos históricos, da disputa... eu me lembro de Fernando Henrique Cardoso e Menem. Eles disputavam para ver quem era mais amigo do Clinton, não é? Disputavam. “Ah,



eu tomei dois cafezinhos em Camp David”, “eu tomei um”, “eu tomei três”. Isso não acrescenta nada, Argentina e Brasil não precisam disso. A Argentina tem que ser forte e soberana, o Brasil tem que ser forte e soberano, e o que nós temos é que ter humildade para saber qual é o ponto de equilíbrio que mapeia Brasil e Argentina.

Eu fui a Buenos Aires, na reunião dos empresários, e eu disse: Argentina e Brasil vão dar certo quando a gente não se ver como adversário. Quando nós nos virmos como aliados, como parceiros, que juntos seremos uma força extraordinária. Não para impor nada aos outros, mas para construir, para construir. Isso, eu tenho conversado muito com o presidente Chávez, tenho conversado muito com o Alan García, tenho conversado com o Evo Morales, com o Lugo. Nós precisamos, respeitada a nossa soberania, ser cada vez mais, eu diria, construtivos na consolidação das alianças políticas. E as coisas entre nós...

Eu tenho um defeito: é que eu viro amigo das pessoas. Eu não vejo o Chávez com presidente da Venezuela, não vejo a Cristina como presidente da Argentina, eu vejo como companheira. Agora, nós temos por trás de nós uma quantidade enorme de assessores, de gente que fala, de gente que nem sempre ajuda, porque muita gente sobrevive criando dificuldade, muita gente. Então, eu acho que nós ainda vamos aprender mais. Eu não vou estar mais no governo, daqui a um ano e pouco eu vou estar fora, mas vou continuar trabalhando pela integração latino-americana. Vou [continuar] trabalhando porque acredito, acredito que se nós estivermos juntos, nós... O século XXI tem que ser nosso.

Eu fico pensando... Eu tenho uma crítica, porque tem muita gente que fica jogando a miséria: “Ah, porque o imperialismo americano, porque o imperialismo... Nós somos pobres por causa do imperialismo”. As pessoas nunca percebem que o imperialismo americano só teve influência nefasta em alguns países porque a sua elite era nefasta. Ou seja, se as pessoas fossem



honestas e dignas e tivesse uma elite ali, brigando pela soberania, não tinha golpe, não tinha acontecido o Zelaya, agora, em Honduras, não tinha acontecido golpe na Argentina, no Brasil, no Paraguai, no Uruguai. Não tinha acontecido. É que a nossa elite contribuiu para isso.

Então, eu acho que nós precisamos saber o seguinte: os nossos defeitos, primeiro. Nós temos que saber os nossos defeitos, reconhecê-los para, a partir desses nossos defeitos, a gente começar a construir as coisas que nós queremos para a frente.

Eu sou um homem que acredita muito nessa integração América Latina e África. A África, daqui a 30 anos, estará com 1 bilhão de habitantes. Se desse 1 bilhão de habitantes, tiver 500 milhões comendo... você imagine que é uma nova China. Os países ricos têm que ajudá-los a se desenvolver, porque eles serão compradores de máquinas dos países ricos, e Brasil, Argentina e América Latina têm que se preparar para poder ser parceiros deles.

Então, eu acho que se nós tivermos a cabeça aberta e construirmos essa parceria, eu acho que nós vamos... Você é muito jovem ainda. Daqui a 15 ou 20 anos nós vamos ver o que aconteceu na América Latina. Eu tenho uma fé imensa de que nós nunca estivemos tão próximos de nos transformar em uma grande força política no mundo, como nós temos agora.

Antigamente, não. Antigamente era assim: Brasil só olhava para a Europa e para os Estados Unidos; Argentina só olhava para a Europa e para os Estados Unidos; Venezuela só olhava para os Estados Unidos; a Colômbia, só para os Estados Unidos; o Peru, só para os Estados Unidos; o Equador, só para os Estados Unidos; a Bolívia só para os Estados Unidos. Ou seja, nós não olhávamos para nós. Eu fui o dirigente sindical mais importante do Brasil durante dez anos, e eu nunca fui convidado para ir a um país da América Latina. Mas todos os meses eu ia para a Europa, todos os meses eu ia para os Estados Unidos, ia para a Alemanha, para a Suécia, para a Finlândia, para a Noruega, para Londres, e nunca, nunca na Argentina, nunca na Colômbia,



nunca. Por quê? Porque nós dependíamos da matriz. E agora, não. Agora nós estamos dependendo de nós. Agora tem o fórum sindical do Mercosul, tem o fórum social do Mercosul. A nossa gente começou a descobrir que nós estamos mais próximos, nós estamos mais próximos, nós somos mais parceiros, nós somos mais aliados. A loucura política militarista que nos dividiu até os anos 70, até os anos 80, acabou. Não tem que ter fronteira proibitiva, não. Você tem é que... Nós temos que nos sentir como irmãos sobre qualquer coisa. Será mais fácil para todos nós.

Então, é assim que eu vejo: muita paixão, mas muita vontade de trabalhar.

**Jornalista:** Presidente, eu gostaria de fazer uma pergunta sobre uma coisa que o senhor estava dizendo há pouco tempo. Em 2010 haverá eleições, vamos começar o ano de 2011 e Lula não será o Presidente do Brasil. Como o senhor se imagina em 1º de janeiro de 2011?

**Presidente:** Eu ando com uma tristeza porque vai ser... desde que nós conquistamos o direito de ter eleições para presidente, é a primeira vez que eu não concorro. Então, eu penso que os eleitores vão sentir um pouco de falta, porque em 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, o meu nome estava na cédula. Vai ser a primeira vez que não vai estar. Eu me preparo muito para o dia 2 de janeiro de 2011. Acordar, não ter ninguém para eu xingar, não ter ninguém para eu pedir para telefonar para mim. Deve ser um martírio, deve ser um martírio.

Bem, mas eu estou tranquilo que eu vou levar uma vida muito tranquila, porque eu não quero dar palpite, não quero. Eu acho que eu não tenho o direito de ficar dando palpite em quem ganhar as eleições. Eu terminei o meu mandato, quem vai governar é outra pessoa, e ela tem que ter liberdade para fazer o que ela entender que seja melhor. Isso eu tenho na cabeça, de não



ficar de fora tentando dar palpite, tentando... E muito menos pensar em 2014, muito menos pensar em 2014. Eu acho que eu já cumpri com a minha tarefa. Já estou com 63 anos de idade, vou terminar o mandato com 65 anos de idade, já está na hora de baixar um pouco a temperatura.

**Jornalista:** Como o senhor gostaria de ser recordado como Presidente?

**Presidente:** Primeiro, eu quero dizer uma coisa: nós vamos ganhar as eleições no Brasil, nós vamos eleger o novo presidente. Não será um estranho. Será uma pessoa que vai dar continuidade ao projeto que nós temos hoje. Essa é a grande disputa.

Como é que eu gostaria de ser lembrado? É muito difícil. Eu acho que, inegavelmente, eu vou ser lembrado como o presidente que mais manteve relação com o movimento social deste país. É muito difícil, porque... imaginar o que o povo vai pensar de mim daqui a dez ou 12 anos, eu prefiro ter paciência, não ter muita expectativa. O que eu peço a Deus? Se eu conseguir eleger quem vai governar este país, eu peço a Deus que ela faça o dobro de mim. Se ela fizer o dobro de mim, eu serei esquecido. Simples isso, não é? Você veja que quando o Riquelme vier para o Corinthians, os torcedores do Boca logo vão esquecer dele, se entrar outro melhor no lugar dele.

Mas eu não tenho... a única coisa que eu gostaria é a seguinte, eu digo nos meus comícios: a única coisa que eu gostaria é de deixar a Presidência, poder andar pelas ruas e vocês me chamarem de companheiro como me chamavam antes, e eu poder tratá-los como companheiros. Vamos imaginar que a minha passagem pela Presidência da República apenas foi um estágio, e que eu volte à minha vida normal querendo tomar a minha cerveja com os meus companheiros, querendo jogar baralho com os meus companheiros, querendo participar de assembleia de sindicato ainda, que eu vou participar de algumas. E eu vou continuar dando palpite na vida política. Eu vou pensar



ainda, mas eu tenho a cabeça muito acertada para isso. Eu só não quero é atrapalhar.

**Jornalista:** Senhor Presidente, não sabe como o agradecemos. Por que nós imaginamos que esta entrevista, muito rica, será vista por milhões de latino-americanos, que poderão compartilhá-la conosco. Muito obrigado pela entrevista.

**Presidente:** Eu quero agradecer esta oportunidade e dizer uma última mensagem ao povo latino-americano: nós não somos pobres porque Deus quis, nós não somos pobres por causa dos americanos ou por causa dos europeus. Nós somos pobres porque, internamente, durante séculos, mesmo depois dos espanhóis, a nossa elite continuou não sendo democrática, não sendo justa com a riqueza produzida no país. Então, eu acho que nós precisamos do seguinte: nós temos que decidir qual é o país que nós queremos, qual é o continente que nós queremos. Ou nós decidimos e construímos, ou não vamos a lugar nenhum. Eu sou muito esperançoso. Tenho muita fé, muita esperança de que a América Latina acordou, finalmente, para que ela cumpra nos próximos... nesses próximos 20 ou 30 anos o papel que ela tem que cumprir, ou seja, trabalhar muito, muita democracia, muita paz, muita participação social, muita distribuição de renda, para melhorar a vida das pessoas, porque é isso o que conta.

(\$31DHJMP)